

HERTA MÜLLER

O homem é um grande faisão no mundo

Um conto

Tradução
Tercio Redondo



Copyright © 2009 by Carl Hanser Verlag München
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Der Mensch ist ein großer Fasan auf der Welt

Capa

Elisa v. Radow

Foto da capa

© Josef Koudelka/ Magnum/ Latinstock

Preparação

Jacob Lebentszayn

Revisão

Valquíria Della Pozza

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Müller, Herta

O homem é um grande faisão no mundo : um conto / Herta Müller ; tradução Tercio Redondo. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Der Mensch ist ein großer Fasan auf der Welt.

ISBN 978-85-359-2216-5

1. Ficção alemã 1. Título.

12-14830

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura alemã 833

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

A valeta

Há rosas em torno do monumento ao soldado. Elas formam uma moita cerrada. Cresceram tanto que sufocam a relva. São brancas, enroladinhas feito papel. Ciciam. Amanhece. Logo será dia.

Toda manhã, ao percorrer completamente só a rua que conduz ao moinho, Windisch conta o dia. Diante do monumento ao soldado conta os anos. Junto ao primeiro choupo, no ponto onde a bicicleta passa pela mesma valeta de sempre, conta os dias. E ao entardecer, quando fecha o moinho, Windisch conta os anos e os dias mais uma vez.

De longe, avista as pequenas rosas brancas, o monumento ao soldado e o choupo. E, havendo neblina, o branco das rosas e o branco da pedra passam-lhe rentes no caminho. Windisch atravessa-os. Windisch tem o rosto molhado e prossegue até completar o percurso. Por duas vezes restaram apenas os espinhos na moita de rosas e a erva rastejante apresentou um aspecto ferrugento. Por duas vezes o choupo esteve tão desfolhado, que o

tronco e os galhos quase se partiram. Por duas vezes houve neve no caminho.

Diante do monumento ao soldado Windisch conta dois anos e, na valeta diante do choupo, duzentos e vinte e um dias.

Todo dia, ao ser sacudido pela valeta, Windisch pensa: “O fim chegou”. Desde que resolveu emigrar, Windisch enxerga o fim em todo e qualquer ponto do vilarejo e, da mesma forma, o tempo parado daqueles que desejam ficar. E que o guarda-noturno fique é algo que Windisch continua a vislumbrar para além do fim.

E depois de haver contado duzentos e vinte e um dias e de a valeta tê-lo sacudido, desce finalmente da bicicleta. Encosta-a no choupo. Seus passos são ruidosos. No jardim da igreja pombos selvagens levantam voo. São cízentos como a luz. Apenas o barulho os distingue.

Windisch benze-se. A maçaneta da porta está molhada. Grudada nas mãos de Windisch. A porta da igreja está trancada. Santo Antônio encontra-se atrás da parede. Porta um lírio e um livro marrom. Está cercado por uma grade.

Windisch sente frio. Contempla a rua abaixo. Onde ela termina a relva vai ao encontro do vilarejo. Ali, no fim da rua, passa um homem. O homem é um fio negro que caminha em direção aos arbustos. O relvado que ali viceja sustenta-o por cima da terra.

O sapo

O moinho está mudo. Mudas estão as paredes e mudo está o telhado. E as rodas estão mudas. Windisch apertou o botão do interruptor e apagou a luz. Entre as rodas irrompe a noite. O ar escuro engoliu o pó de farinha, os mosquitos, os sacos.

O guarda-noturno está sentado no banco do moinho. Dorme. Tem a boca aberta. Sob o banco reluzem os olhos de seu cachorro.

Windisch carrega o saco com as mãos apoiando-o nos joelhos. Encosta-o no muro do moinho. O cão olha e boceja. Os dentes brancos são uma dentadura.

A chave gira na fechadura da porta do moinho. A fechadura estala nos dedos de Windisch. Windisch conta. Windisch ouve o pulsar das têmporas e pensa: “Minha cabeça é um relógio”. Mete as chaves no bolso. O cachorro late. “Vou girá-la até que a mola rebente”, diz Windisch em voz alta.

O guarda-noturno desce o chapéu à testa. Abre os olhos e boceja. “Soldado em vigília”, diz.

Windisch vai até o açude do moinho. Na margem há um

monte de palha. É uma mancha escura no espelho d'água. A mancha afunda feito uma cratera. Windisch tira a bicicleta do meio do palheiro.

“Há um rato no palheiro”, diz o guarda-noturno. Windisch tira a palha do selim. Joga os fios de palha na água. “Eu o vi”, diz ele, “atirou-se na água.” Os fios de palha flutuam como fios de cabelo. Fazem pequenos remoinhos. A escura cratera flutua. Windisch observa sua imagem a trafegar.

O guarda-noturno dá um pontapé na barriga do cachorro. O cachorro solta um ganido. Windisch olha a cratera e ouve o ganido sob a água. “As noites são longas”, diz o guarda-noturno. Windisch retrocede um passo. Afasta-se da margem. Observa a imagem estática do monte de palha apartado da margem. O monte está tranquilo. Não tem nada a ver com a cratera. Ele é claro. Mais claro que a noite.

O jornal faz barulho. O guarda-noturno diz: “Minha barriga está vazia”. Apanha pão e toucinho. A faca brilha em sua mão. Mastiga. Coça o punho com a lâmina da faca.

Windisch empurra a bicicleta que está a seu lado. Observa a lua. Mastigando, o guarda diz em voz baixa: “O homem é um grande faisão no mundo”. Windisch ergue o saco e o põe sobre a bicicleta. “O homem é forte”, diz, “mais forte que um boi.”

Uma ponta do jornal esvoaça. O vento empurra feito uma mão. O guarda-noturno põe a faca no banco. “Dormi um pouco”, diz. Windisch curva-se sobre a bicicleta. Levanta a cabeça. “E eu acordei você”, diz. “Não foi você”, responde o guarda-noturno, “foi minha mulher que me acordou.” Limpa as migalhas de pão do casaco. “Eu sabia”, diz, “que não poderia dormir. É lua cheia. Sonhei com o sapo seco. Eu estava exausto. E não podia ir dormir. O sapo estava deitado na cama. Conversei com minha mulher. O sapo olhou com os olhos de minha mulher. Tinha a trança de minha mulher. Vestia sua camisola, que esta-

va suspensa até o ventre. Eu disse: ‘Cubra-se, suas coxas são flácidas’. Disse isso a minha mulher. O sapo desceu a camisola cobrindo as coxas. Sentei-me na cadeira ao lado da cama. O sapo sorriu com a boca de minha mulher. ‘A cadeira rangeu’, eu disse. A cadeira não havia rangido. O sapo pôs a trança de minha mulher no ombro. Era tão comprida quanto a camisola. Eu disse: ‘Seu cabelo cresceu’. O sapo ergueu a cabeça e gritou: ‘Você está bêbado, vai cair da cadeira’.”

A lua tem a mancha vermelha de uma nuvem. Windisch encosta-se na parede do moinho. “O homem é tolo”, diz o guarda-noturno, “e está sempre pronto a perdoar.” O cachorro come o couro do toucinho. “Perdoei-lhe tudo”, diz o guarda-noturno. “Perdoei-lhe o padeiro. O que ela fez na cidade, perdoei.” Roça a lâmina da faca com a ponta dos dedos: “O vilarejo todo riu de mim”. Windisch suspira. “Eu não podia mais olhá-la de frente”, diz o guarda-noturno. “Só não lhe perdoei uma coisa: que ela tenha morrido tão depressa, como se não tivesse ninguém.”

“Deus sabe”, diz Windisch, “pra que elas servem, as mulheres.” O guarda-noturno dá de ombros. “Não foram feitas pra nós”, diz. “Não pra mim, nem pra você. Não sei pra quem teriam sido.” O guarda-noturno acaricia o cachorro. “E as filhas”, diz Windisch, “Deus sabe, também elas serão mulheres.”

Uma sombra encobre a bicicleta e uma sombra encobre a relva. “Minha filha”, diz Windisch — sopesa a frase na cabeça —, “minha Amalie não é mais virgem.” O guarda-noturno contempla a mancha vermelha da nuvem. “As panturrilhas de minha filha são dois melões”, diz Windisch. “Como você diz, não posso olhá-la de frente. Ela tem uma sombra nos olhos.” O cachorro vira a cabeça. “Os olhos mentem”, diz o guarda-noturno, “as panturrilhas não mentem.” Separa os pés. “Observe o jeito como sua filha anda”, diz. “Se, ao andar, ela virar a ponta dos pés para o lado, então aconteceu.”

O guarda-noturno gira o chapéu nas mãos. O cão está deitado e observa. Windisch está calado. “Está serenando. A farinha vai umedecer”, diz o guarda-noturno, “o prefeito vai se zangar.”

Um pássaro voa sobre o açude; lentamente e em linha reta, como a seguir um fio esticado. Rente à água. Como se ela fosse terra. Windisch acompanha-o com os olhos. “Feito um gato”, diz. “Feito uma coruja”, diz o guarda-noturno. Põe a mão na boca. “Na casa da velha Kroner as velas ardem há três dias.” Windisch empurra a bicicleta. “Ela não pode morrer”, diz, “a coruja não pousou em nenhum telhado.”

Windisch atravessa o relvado e contempla a lua. “Ouça o que digo, Windisch”, exclama o guarda-noturno, “as mulheres traem.”

A agulha

As velas ainda ardem na casa do carpinteiro. Windisch estaca. A vidraça da janela rebrilha. Reflete a ruá. Reflete as árvores. A imagem perpassa a cortina. Entra no quarto passando pelos ramalhetes que caem de seus encaixes. Um tampo de caixão está apoiado na parede ao lado da estufa azulejada. Aguarda a morte da velha Kroner. O nome dela está escrito no tampo. Apesar dos móveis, o quarto parece vazio porque está muito claro.

O carpinteiro está sentado na cadeira, de costas para a mesa. Sua mulher está diante dele. Ela veste uma camisola listrada. Segura uma agulha na mão. Da agulha pende um fio cinza. O carpinteiro estica o dedo indicador para a mulher. Com a ponta da agulha a mulher tira-lhe uma lasca de madeira encravada na pele. O dedo sangra. O carpinteiro contrai o dedo. A mulher deixa a agulha cair. Cerra os olhos e ri. O carpinteiro agarra-a metendo-lhe a mão por sob a camisola. A camisola sobe. As listras revolvem-se. Com o dedo sangrando o carpinteiro agarra os seios da mulher. Os seios são grandes. Tremem. O fio cinza dependu-

ra-se na perna da cadeira. A agulha balança com a ponta voltada para baixo.

A cama está ao lado do tampo do caixão. O travesseiro é de damasco. Está pontilhado de manchas, grandes e pequenas. A cama está estendida. O lençol é branco e a colcha é branca.

A coruja passa voando pela janela. Tão comprida quanto uma asa, ela voa na janela. Estremece durante o voo. A luz incide enviesada e a coruja se duplica.

Encurvada, a mulher anda pra lá e pra cá diante da mesa. O carpinteiro mete-lhe as mãos entre as pernas. A mulher observa a agulha que pende. Toma-a. O fio balança. A mulher deixa as mãos caírem. Fecha os olhos. Abre a boca. O carpinteiro puxa-a pelos pulsos levando-a para a cama. Joga as calças na cadeira. A cueca parece um pedaço de flanela branca nas pernas das calças. A mulher abre as pernas e dobra os joelhos. A barriga é uma massa de farinha. As pernas apoiam-se no lençol feito a guarnição de uma janela.

Sobre a cama há um retrato encerrado numa moldura preta. A mãe do carpinteiro encosta o lenço de cabeça na borda do chapéu do marido. O vidro tem uma mancha. A mancha repousa sobre o queixo. Na imagem ela sorri. Sorri pouco antes de morrer. Quase um ano antes. Sorri olhando para um cômodo vizinho.

Na fonte a roda gira porque a lua é grande e bebe água. Porque o vento se enreda nos raios da roda. O saco está úmido. O saco jaz sobre a roda traseira como alguém que dorme. “O saco repousa atrás de mim feito um morto”, pensa Windisch.

Windisch sente em sua coxa o membro teso, resoluto.

“A mãe do carpinteiro está fria”, pensa Windisch.

A dália branca

Em meio ao calor de agosto a mãe do carpinteiro pôs um grande melão num balde e desceu-o ao fundo do poço. A água se agitou em torno do balde. Rumorejou no contato com a casca verde. Resfriou o melão.

A mãe do carpinteiro foi até a horta com o facão. Uma canaleta servia de passagem à horta. A alface estava crescida. Sua folhagem cobria-se do leite branco que brota das hastes. A mãe do carpinteiro trazia o facão ao caminhar pela canaleta. Ali, onde começa a cerca e termina a horta, florescera uma dália branca. A dália cresceria até a altura de seu ombro. A mãe do carpinteiro cheirou a dália. Cheirou longamente as pétalas brancas. Aspirou a dália. Esfregou a testa e olhou para o pátio.

A mãe do carpinteiro cortou a dália branca com o facão.

“O melão fora apenas um pretexto”, disse o carpinteiro após o enterro. “A dália foi seu destino.” E a vizinha do carpinteiro disse: “A dália foi uma visão”.

“Este verão foi tão seco”, disse a mulher do carpinteiro, “que a dália se encheu de contorcidas pétalas brancas. Ficou tão gran-

de como jamais uma dália pôde ficar. E porque não ventou neste verão ela deixou de cair. A dália havia muito expirara, mas não pudera murchar.”

“Não aguentamos isso”, disse o carpinteiro, “ninguém aguenta isso.”

Ninguém sabe o que a mãe do carpinteiro fez com a dália cortada. Não trouxe a dália para casa. Não a pôs na sala. A dália não foi encontrada na horta.

“Ela voltou da horta. Trazia o facão na mão”, disse o carpinteiro. “Havia algo da dália em seus olhos. O branco dos olhos estava seco.”

“Pode ser”, disse o carpinteiro, “que ela tenha esperado pelo melão e colhido a dália. Colheu-a na mão. Não havia nenhuma pétala solta no chão. Era como se a horta fosse uma sala.”

“Acho”, disse o carpinteiro, “que ela fez uma cova com o facão. Enterrou a dália.”

No fim da tarde a mãe do carpinteiro tirou o balde do poço. Pôs o melão na mesa da cozinha. Furou a casca com a ponta da faca. Girou o braço com o facão fazendo um círculo e partiu o melão ao meio. O melão rebentou. Houve um estertor. No poço e na mesa da cozinha, e até que as duas metades se separassem, o melão ainda vivera.

A mãe do carpinteiro tinha os olhos abertos. Mas, por estarem tão secos quanto a dália, não se abriram muito. O sumo escorria da lâmina da faca. Os olhos, pequenos e hostis, contemplavam a polpa vermelha. As sementes pretas se amontoavam como os dentes de um pente.

A mãe do carpinteiro não cortou o melão em fatias. Dispôs as duas metades do melão à sua frente. Com a ponta da faca extraía-lhe a polpa vermelha. “Tinha então os olhos mais cúpidos que jamais vi”, disse o carpinteiro.

O sumo vermelho pingava sobre a mesa da cozinha. Pinga-

va do canto da boca. Pingava do cotovelo. O sumo vermelho do melão colou ao chão.

“Os dentes de minha mãe nunca foram tão brancos e tão frios”, disse o carpinteiro. “Ela comia e dizia: ‘Não me olhe assim, não olhe minha boca’.” Cuspia as sementes pretas na mesa.

“Desviei o olhar. Não saí da cozinha. Receava o melão”, disse o carpinteiro. “Pela janela, olhei para a rua. Passou um homem desconhecido. Caminhava apressado e falava sozinho. Às minhas costas eu ouvia minha mãe escavando o melão com a faca. Ouvia-a mastigando. E ouvia-a engolindo. ‘Mãe, eu disse sem olhar para ela, pare de comer’.”

A mãe do carpinteiro levantou a mão. “Gritou e eu olhei para ela porque gritara muito alto”, disse o carpinteiro. Ela se virara com a faca. “Isto não é um verão e você não é gente. Sinto uma pressão na fronte. Uma queimação nas entradas. Este é um verão que lança o fogo dos outros anos. Apenas o melão me refresca.”